

I

APRESENTAÇÃO



A sublime doutrina que Jesus revelou à humanidade se constituía de alguns princípios básicos, insistentemente reafirmados nas falas do Mestre.

Com freqüência, estimulava Jesus os seus ouvintes à conquista da *vida eterna*, referindo-se não apenas à imortalidade, já inerente a todos nós, mas ao existir do “eu” em plenitude, o completo desenvolvimento das faculdades e possibilidades espirituais, meta a ser alcançada pelo esforço consciente e perseverante do crente.

Aludia, também, reiteradamente, ao *reino dos céus*, procurando descrever a realidade da vida no plano espiritual, o rico domínio do mundo fluídico, ainda desconhecido de muitos, por invisível e impalpável. Tratava-se de uma tentativa de comparação, o que ficava claro quando o Mestre dizia que o reino era *semelhante* e, portanto, não igual nem perfeitamente idêntico à imagem que empregara para simbolizá-lo.

Apresentando Deus, como o *senhor* de grande poder e perfeita justiça, mas também *pai* amoroso e compassivo, Jesus convidava todos ao cumprimento das leis divinas, para alcançarem a vida eterna e adentrarem as regiões felizes do reino dos céus.

Ao formular esse convite, Jesus atraía inicialmente a atenção dos ouvintes, e depois os arrebatava em linguagem poética e comovedora, que esclarecia e ao mesmo tempo fortalecia a todos na fé.

Era comum, em seus discursos, o Mestre recorrer às parábolas, histórias singelas e comparativas, que contêm, sob a forma alegórica, verdades importantes e uma conclusão moralizante. Adequadas ao público heterogêneo, porque a narrativa prende a atenção e o simbolismo facilita a compreensão em assuntos transcendentes, as parábolas também auxiliam na guarda e reprodução do ensino e permitem se enunciem verdades que, de outro modo, dificilmente seriam aceitas ou sequer escutadas. Contando parábolas Jesus evitou, ainda, que, no futuro, preciosos ensinamentos seus chegassem a ser deturpados pela ignorância ou pela má-fé.

À primeira vista, as parábolas contadas por Jesus parecem ter como endereço certo algumas figuras do povo israelita, e serem específicas para aquela época. Estudando-as, porém, em seu significado transcendente, percebemos que elas se dirigem ao espírito imortal encarnado na Terra, valendo para todos os tempos, “até

a consumação dos séculos”, ou seja, até que se alcance o nível de evolução a que denominamos perfeição e do qual decorrerá a felicidade, pelo uso acertado das potencialidades dos seres.

Curioso notar que as parábolas contadas por Jesus não tinham inicialmente qualquer título. Eram “bati-zadas” involuntariamente por aqueles que, desejando citá-las, posteriormente, aludiam ao que para eles mais se destacara na história. Por exemplo: a parábola do bom samaritano, do festim de bodas, ou a das dez vir-gens. A tradição consagrou essas denominações e, mais tarde, os estudiosos e copistas as registraram com tais títulos.

Para compor o presente volume, selecionamos, en-tre as magistrais parábolas que Jesus contou, algumas que têm encantado gerações, pela beleza das imagens e o elevado ensinamento que contêm; e outras as escolhe-mos por apresentarem certo grau de dificuldade, desa-fiando-nos a inteligência e a sensibilidade, para encon-trarmos interpretação lógica e o mais possível coerente com o pensamento do Cristo. Ajudaram-nos na empre-sa o conhecimento doutrinário do Espiritismo e a inspi-ração que os bons espíritos dispensam a todos que se esforcem por entender a sublime mensagem.

Esperamos que as parábolas em estudo lhe tragam, amigo leitor, deleite espiritual e elevação de sentimen-tos, como Jesus nos pretendia oferecer contando-as, ao tempo em que esteve entre nós.

Nota da Autora: Em obra anterior, *Estudos Espíritos do Evan-gelho*, tivemos oportunidade de comentar melhor o que é uma pará-bola, as vantagens que oferece e como interpretá-la.



II

À BEIRA DO LAGO DE GENESARÉ

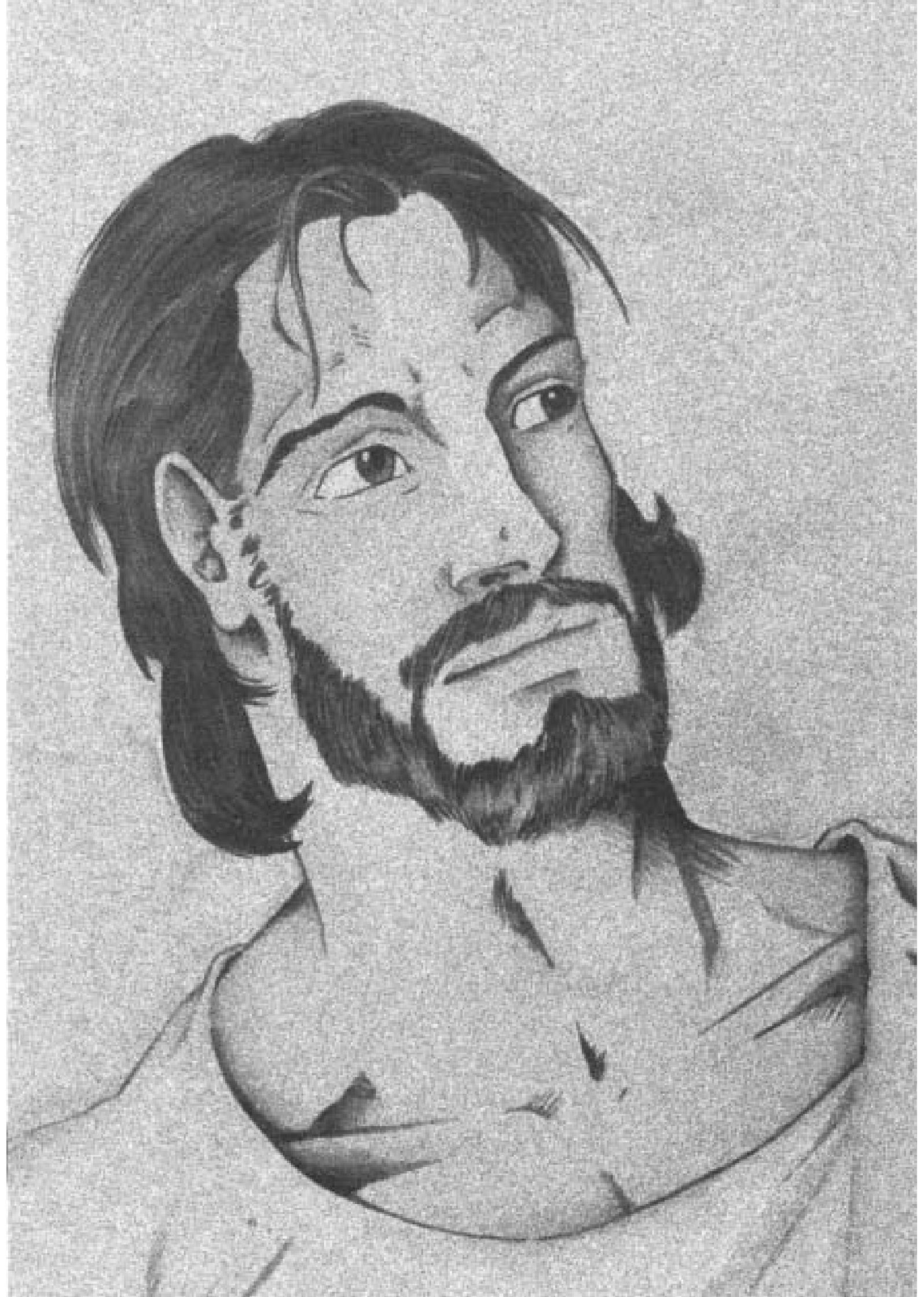


Naquele dia, saiu Jesus de casa e sentou-se à beira do lago; acercou-se dele, porém, uma tal multidão, que precisou entrar numa barca; nela se assentou enquanto a multidão ficava em pé na praia.

Assim começa Mateus o seu relato, no capítulo 13 do seu evangelho. Poderemos fazer melhor idéia dos acontecimentos, se soubermos que Jesus, quando começou o seu ministério, saiu de Nazaré e fixou-se em Cafarnaum, na Galiléia, passando a residir na casa do apóstolo Pedro. Dessa casa é que saiu *naquele dia*. Cafarnaum ficava a Noroeste de um grande lago, extensa porção de água doce formada pelo rio Jordão, recebendo, ao longo dos tempos, diferentes nomes, sendo

inicialmente Mar de Quinerete, depois, Lago de Genesaré ou Mar da Galiléia, ou Mar de Tiberíades, como ainda hoje é conhecido. Nessa região, a Galiléia, Jesus produziu muitos fenômenos e transmitiu ao povo sublimes ensinamentos.

Na praia, atraída pelas notícias dos feitos de Jesus e, também, dos ensinamentos que ele costumava ministrar, postara-se a multidão, perguntando-se: Que novas maravilhas iria ele realizar? Do que falaria? E estavam todos em grande expectativa. Certamente, Jesus lhes queria falar sobre o “reino dos céus”, sobre a vida do espírito, imortal e evolutiva. Mas como transmitir, a criaturas ainda pouco preparadas, as transcendentais informações sobre o plano invisível e impalpável?... Quanta dificuldade para levar à compreensão popular a grandiosidade da vida espiritual e das leis que a regem! *A que assemelharemos o reino de Deus? ou com que parábola o apresentaremos?* pergunta Jesus (Marcos 4:30). E a indagação anuncia que, em sua sabedoria de mestre divino, optara por lhes falar por meio de histórias simbólicas, comparativas. Mateus confirma que, de fato, *de muitas coisas lhes falou por parábolas e dizia...* Vem, a seguir, uma admirável série de comparações. São sete parábolas que, sob a aparência singela, mas encadeadas, de modo seqüente e gradativo, levam os ouvintes a apreenderem importantes noções, básicas e esclarecedoras, sobre o valor que as idéias têm e a poderosa influência que exercem na mente humana e, por conseqüência, na vida das pessoas.





A PARÁBOLA DO SEMEADOR

Esta foi a primeira parábola da série contada por Jesus.

Um sementeiro saiu a semear.

*E, semeando, parte das sementes
caiu ao longo do caminho;
os pássaros vieram e a comeram.*

*Outra parte caiu em solo pedregoso,
onde não havia muita terra
e nasceu logo, porque a terra era
pouco profunda.*

*Logo, porém, que o sol nasceu,
queimou-se, por falta de raízes.*

*Outras sementes caíram entre os
espinhos; os espinhos cresceram
e as sufocaram.*

*Outras, enfim, caíram em boa terra;
deram frutos a cem por um,
sessenta por um e trinta por um.*

A pedido dos doze apóstolos, que o interrogaram em particular (Marcos 4:10), o próprio Jesus elucidou o sentido desta parábola.

A semente

É a palavra do reino, a idéia contida na palavra, a mensagem sobre as coisas espirituais.

O semeador

Evidentemente, era Jesus, o verbo encarnado, que veio ao mundo colocar em palavras a idéia espiritual, verbalizar a mensagem da verdade e do amor.

O solo

É o campo mental dos que ouvem a mensagem. Solo que difere muito, conforme a mente da pessoa seja mais ou menos receptiva à idéia semeada.

Beira de caminho

Terreno batido, duro, onde a semente não penetra, são os que ouvem a palavra do reino mas não a entendem. Mentes áridas, endurecidas, não preparadas para as coisas espirituais, se ouvem a mensagem, o fazem sem interesse, sem maior atenção. A mensagem lhes fica na superfície e os *pássaros* comem.

Os pássaros

Nesses elementos que surgem do ar e comem as sementes, podemos ver simbolizada a ação dos espíritos adversários do bem: quando a mente da pessoa não chega a absorver a mensagem divina, eles fazem a idéia “sumir”, tiram-na completamente do campo de atenção da pessoa; sem que a idéia sublime seja recebida e aplicada, nenhum ato bom vem a ser produzido.



Pedregoso

Aquele solo entre as pedras, onde a semente nasce logo, são as pessoas que ouvem a mensagem e a recebem com entusiasmo. Essa mente tem alguma *terra*, alguma condição espiritual, mas é pouca, não dá para maior aprofundamento da mensagem, não há disposição de embasar pelo estudo o conhecimento recebido. Por isso, *se vem o sol*, a planta *se queima*, ou seja, se surgirem dificuldades por causa do ideal espiritual desanimam, desistem, abandonam.

Espinheiro

São os que ouvem e podem entender a mensagem. Mente que tem *terra* é capaz de, recebendo uma idéia, produzir alguma coisa. Até já acolheu uma semente e produziu, mas de que tipo? *Espinhos!* Diz Jesus que são os cuidados do mundo, a sedução das riquezas. *Crescem e sufocam* a sementeira espiritual, porque ocupam de tal modo a mente e a vida da pessoa que a impedem de produzir conforme a boa mensagem que recebera e havia entendido.

